

- [Diários Oficiais](#)
- [Diário Oficial do Estado de São Paulo](#)
- [11 Ago 2010](#)
- [Cidade](#)
- [Página 166](#)

# Página 166 da Cidade do Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP) de 11 de Agosto de 2010



Publicado por [Diário Oficial do Estado de São Paulo](#)

há 9 anos

Por que esse conteúdo está aqui?

O Jusbrasil não cria, edita ou altera o conteúdo exibido. Todo o processo de coleta de dados cujo resultado culmina nas informações a seguir é realizado automaticamente, através de fontes públicas pela Lei de Acesso à Informação.

[Reportar página](#)

## **228ª SESSÃO SOLENE**

**25/06/2010**

**O SR. PRESIDENTE (João Antônio - PT)** - Está aberta a sessão. Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos. A presente sessão solene destina-se à entrega do Título de Cidadão Paulistano ao Padre Giampietro Carraro, nos termos do Decreto Legislativo nº 35, de 2 de setembro de 2009, deste Vereador, que contou com a aprovação unânime dos Srs. Vereadores desta Casa.

Passo a palavra ao Mestre de Cerimônias, Sr. Antonio Carlos Vieira Jr., para a condução dos trabalhos.

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Senhoras, senhores, autoridades, sejam bem-vindos à Câmara Municipal de São Paulo.

Para compor a Mesa, convidamos os Srs. Dom Edmar Peron, Bispo da Região Episcopal Belém, neste ato representando Dom Odilo Pedro Scherer, Cardeal Arcebispo de São Paulo; Padre Tarcísio Marques Mesquita, Coordenador de Pastoral da Região Belém; Irmã Cacilda Silva Leste, Diretora Geral do Programa de Acolhida da Missão Belém; Irmã Rosa Mirian Sanguinetta, Presidente da Missão Belém; Irmã Maria Chiara Carraro, Diretora Social da Missão Belém e irmã do homenageado, e Sra. Silvia Alves Carnevalli, membro da Coordenação da Região Belém. (Palmas) Neste momento, o nobre Vereador João Antônio acompanhará o homenageado ao plenário.

- Acompanhado do Vereador João Antônio, adentra o plenário o homenageado, sob aplausos.

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos todos para, de pé, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro, executado pela Camerata da Polícia Militar do Estado de São Paulo, regida pelo Maestro 2º Tenente Músico PM Ismael.

- Execução do Hino Nacional Brasileiro.

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - A Câmara Municipal de São Paulo agradece aos integrantes da Camerata da Polícia Militar do Estado de São Paulo, regidos pelo Maestro 2º Tenente Ismael. Registramos a presença dos Srs. Padre Júlio Lancellotti, da Pastoral dos Homens de Rua; Padre Leandro José Leme Duarte, da Paróquia Santa Luzia e Pio X; Padre Marcelo Matias, da Paróquia São João Batista; e Padre José Florenço Blanco e membros da Missão Belém. (Palmas)

Recebemos diversas mensagens cumprimentando-nos pelo evento, dentre as quais destacamos as dos Srs. Alberto Goldman, Governador do Estado de São Paulo; Gilberto Kassab, Prefeito do Município de São Paulo; Alda Marco Antônio, Vice-Prefeita do Município de São Paulo; Barros Munhoz, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo; Roberto Haddad, Presidente do Tribunal Regional Federal da 3ª Região; Décio Sebastião Daidone, Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região; Edson Simões, Presidente do Tribunal de Contas do Município de São Paulo; Mauro Ricardo Machado Costa, Secretário de Estado da Fazenda; Luciano Almeida, Secretário de Estado de Desenvolvimento; Bruno Caetano, Secretário de Estado de Comunicação; Marcos Antonio Monteiro, Secretário de Estado de Gestão Pública; Pedro Rubez Jehá, Secretário de Estado do Emprego e Relações do Trabalho; Luiz Roberto Barradas Barata, Secretário de Estado da Saúde; Lair Alberto Soares Krähenbühl, Secretário de Estado da Habitação; Francisco Graziano Neto, Secretário de Estado do Meio Ambiente; João Sampaio, Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo; Marcos Cintra, Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico e do Trabalho; Marcos Belizário, Secretário Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida; João Grandino Rodas, Reitor da Universidade de São Paulo; Frei Roberto, da Comunidade Bom Jesus no Horto das Oliveiras; Padre Marco, da Comunidade Nhocuné; Padre Juarez, da Comunidade Santo Antônio, do Jaçanã; e Vereadores Adilson Amadeu, Adolfo Quintas, Atilio Francisco, Chico Macena, Claudinho de Souza, Claudio Fonseca, Claudio Prado, Domingos Dissei, Eliseu Gabriel, Floriano Pesaro, Gilson Barreto, Goulart, José Police Neto, Mara Gabrilli, Natalini, Paulo Frange, Penna, Quito Formiga, Toninho Paiva, Ushitaro Kamia.

Convidamos para o seu pronunciamento o Padre Tarcísio Marques Mesquita, Coordenador da Pastoral da Região Belém.

**O SR. TARCÍSIO MARQUES MESQUITA** - Excelentíssimo Vereador João Antônio; Exmo. Bispo Dom Edmar Peron; DD. Revmos. Padres presentes; membros da Missão Belém; caríssimo amigo irmão Padre

Giampietro, boa noite. É um prazer estar aqui junto com o nosso Bispo Dom Edmar, Vigário da Região Episcopal Belém, e dizer do nosso apreço por você e por seu trabalho.

Sou filho de baiano e cidadão paulistano por direito de nascimento. Você é baiano da Itália e veio para São Paulo como muitos baianos vêm: simples, com chinelo de dedo, e, assim como eles, fez de São Paulo a sua morada. São Paulo é mesmo uma cidade diversa e solidária como devem ser as grandes metrópoles. Na sua aparente frieza, a Cidade tem essas maravilhosas presenças solidárias, amigas e fraternas.

Nossa Igreja tem a Pastoral da Ecologia, que se preocupa com o verde, com as árvores, com as praças e com as ruas. Na minha paróquia plantamos os ipês amarelos, símbolos do Brasil, por suas cores verde e amarelo e também em sinal de lamento pelo pouco verde que há na Cidade. Preocupamo-nos com isso, pois sabemos que São Paulo merece muito mais.

Envergonhamo-nos um pouco quando vemos que, no seu trabalho, você não se preocupa somente com as árvores, mas também com as pessoas que moram nos jardins, ao desabrigo, no desalento, debaixo de viadutos, escondidos em bueiros e nos lugares mais sombrios da Cidade, por que não lhes foram dados lugar nem dignidade necessários para que pudessem ser como todos os paulistanos: homenageadas. Você as homenageia sempre, com sua presença, com sua ternura e seu trabalho.

Seu trabalho é tão convincente que recebeu o nome de Missão Belém, numa menção ao local onde nasceu Jesus Cristo, em condições tão semelhantes a essas em que vive a população de rua, tão carente. Um trabalho como o seu faz despertar a nossa consciência solidária, a nossa santa humilhação ao perceber que, numa cidade tão rica e tão próspera como São Paulo, ainda faltam políticas públicas que defendam os moradores de rua que estão por toda a parte, nas praças, nas escadarias das igrejas, nos semáforos, inquietando-nos a consciência e demonstrando que existem outras riquezas que devem ser buscadas..

São Paulo não deve ser, simplesmente, um pulmão econômico e deficiente de ar puro. São Paulo também deve ser um sinal de que a fraternidade e a vontade de reunirem-se aqui pessoas do Brasil todo e do mundo inteiro deveriam nos tornar pessoas sensíveis a essa grande população que vive precariamente na Cidade. Para ela, você o seu grupo da Missão Belém vêm constituindo lugares de acolhida, de encontro, de revitalização.

Foi justamente o que Jesus Cristo realizou nos seus milagres, no Evangelho. Jesus não fez nascer olhos em ninguém, mas fez o cego, que já tinha olhos, enxergar. Jesus não pôs pernas em ninguém, mas ele fez o paralítico andar. Jesus não fez surgir corpo para ninguém, mas fez o morto Lázaro erguer-se e falar. O seu trabalho, Padre Giampietro, é bem isso: é um trabalho de revitalização; é um trabalho de elevar o ser humano à sua dignidade e direito.

Tudo isso o faz merecedor da homenagem - embora tardia, mas sempre em tempo - da Câmara Municipal de São Paulo, por isso o nosso apreço e agradecimento ao Exmo. Vereador que lhe concede a honraria, que não é só dele, mas de todos nós; essa honraria que hoje nos fará dormir um pouco mais inquietos, por nos lembrar que a Cidade deve, muito mais ainda, fazer pela população de rua.

Não só isso, mas porque de São Paulo fluem projetos que se espalham pelo Brasil inteiro. Aqui foi constituída, por essa comunidade chamada Belém, a Casa do Pão, que você contrata com tanto carinho; e vai até o Haiti levar esse testemunho de solidariedade a um povo cujas características são muito semelhantes às dos mais sofridos da cidade de São Paulo.

Quem busca em São Paulo o referencial dos intelectuais, dos milionários acima de todos os milionários, dos luxuosos acima de todos os luxuosos, deve saber que nesta cidade também existe a grandeza de quem trabalha a serviço da pobreza; a grandeza de quem trabalha pela nobreza da existência humana e mostra que é possível viver de maneira sustentada, despojada, usando o que é necessário para uma vida simples e dando o excedente àqueles que têm direito de viver com dignidade. Seu trabalho é exatamente esse: não deixar para o mês seguinte nenhum superavit, pois tudo é distribuído à população da rua. Para nós, que vivemos com nossos bolsos e bolsas tão protegidos, trancafiados em tantos lugares, inquieta saber que vocês todo mês começam do zero; ou melhor, não começam do zero, mas do tudo e do simples que Deus lhes deu: o amor ao próximo.

Por tudo isso, meu muito obrigado. (Palmas)

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos para o seu pronunciamento a Irmã Maria Chiara Carraro, irmã do homenageado. **A SRA. MARIA CHIARA CARRARO** - Prezados amigos, senhores e senhoras, desejo apenas contar algo de nossa infância. Giampietro nasceu em 1º de dezembro de 1962, num dia muito frio, de neve, em casa, porque papai tinha medo de que a criança fosse trocada no hospital. Nosso pai, ao receber a notícia de seu nascimento, pegou a bicicleta e, antes mesmo de avisar a sogra, foi à igreja agradecer a Deus. Nascermos numa família em que aprendemos a amar Deus, crescemos na fé graças aos nossos pais. Nosso pai Ernesto está no céu; e nossa mãe, que está na Itália, chegará aqui no dia 16 para celebrar conosco. Desde pequenininho, Giampietro era muito desenvolvido. Nossa mãe tinha 30 anos, não era uma criança, por certo, mas tinha dificuldade para cuidar dele, porque ele se movia muito. Aos oito meses ele já andava; com um ano já corria e falava. Sempre foi um menino muito dinâmico que, na escola, destacava-se pela inteligência. Para terem uma ideia, eu estudava latim, ao passo que ele traduzia grego.

Nas brincadeiras ele também era sempre bem organizado. Dois anos mais velho que eu, Giampietro podia fazer o papel do pai, eu o da mãe; assim, junto de nossa irmã menor, de três anos, podíamos brincar de casinha. Giampietro levou outras crianças à casa do meu pai e organizou a brincadeira. Ele nos



dividiu em equipes e cada uma tinha tempo de voltar para casa e fazer a sua bandeira, o seu hino e ir jogar. Então, desde pequeno ele era bem organizado. Também na vida cristã foi sempre muito profundo. Aos dez anos já havia decidido entrar no seminário. Lembro-me muito bem do dia em que falou com o pároco, que foi a nossa casa, reuniu a família e disse: “O menino quer ser padre, quer ser missionário. Eu não sei para qual congregação vou mandar uma criança de dez anos. Como vou decidir por ele? Creio que a melhor opção é ir estudar no seminário e depois decidir”.

Então, aos dez anos entrou no seminário. Lá escreveu a Carta do Cristão, que nossa mãe guarda em sua Bíblia. Nela escreveu o seu nome, o seu apelido, a data do seu nascimento, a data de sua primeira confissão, a data de sua primeira comunhão, a data de sua crisma e depois uma pergunta: “Em que ponto estou do meu crescimento espiritual? Sinto que Cristo fala comigo na Eucaristia. Sinto que a missa tem mais valor para mim. Sinto ajuda quando invoco o Senhor”; e isso com apenas dez anos!

Sempre teve o desejo de evangelizar. A nossa vizinha era prostituta e ele andava por ali falando sobre o Evangelho. Sempre pregou e viveu o que pregava. Evangelizou vizinhos, um que tinha problema com álcool, um nosso primo que tinha problema com crime. Acredito que a vocação nasceu assim. Eu também decidi ser missionária. Trabalhei no Peru, em Porto Rico, longe dele. Pensava nele debaixo de pontes e não tinha coragem de pedir permissão para trabalhar com ele. Digo a ele que sou como aquela mulher que tenta acompanhar Jesus em seu trabalho; mesmo diante do pouco que posso fazer, sinto-me feliz.

Quando olho para Giampietro, sinto que está, desde pequeno, respondendo a um chamado e que cada chamado se transforma em uma missão. Faz sempre algo em que se supera, supera cada um de nós. E é muito feliz por estar na região e na Paróquia Episcopal do Belém. Amém! (Aplausos)

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos para usar a palavra o Padre Júlio Lancelotti.

**O SR. JÚLIO LANCELOTTI** - Exmo. Sr. Presidente desta sessão solene, nobre Vereador João Antônio; nosso Bispo Dom Edmar; amigos, irmãos, irmãs; Padre João Pedro - já que recebe o Título de Cidadão Paulistano, temos de chamá-lo de João Pedro (risos) -, sinto-me muito emocionado de prestar esta homenagem.

Estando presentes os irmãos e as irmãs da Missão Belém, da Favela Nelson Cruz, dentre outros, o povo da rua está sendo homenageado, porque Padre João Pedro é um padre da rua, que dorme na rua. Já teve que correr de jato de água, teve até mesmo de tomar banho, quando os caminhões da Prefeitura jogam água nos pobres que vivem nas ruas. O Padre João Pedro anda na Cracolândia, abraça as pessoas que ninguém quer abraçar, ama aqueles que ninguém tem coragem de amar, que dormem na calçada, em cima do papelão ou no cobertor velho oferecido pelo irmão de rua. Então, homenageá-lo com o

Título de Cidadão Paulistano é garantir nesta Casa a presença dos pobres, dos excluídos.

Já vivemos nesta Casa situações de muita alegria e situações de muito desafio. Lembro-me de um dia em que estávamos aqui com o povo de rua e um vereador, depois, mandou desinfetar as cadeiras, porque não se sentaria no mesmo lugar em que se sentou um morador de rua.

Portanto, esta é uma homenagem aos moradores de rua, aos encarcerados, aos privados de liberdade, aos excluídos e esquecidos. Sua presença nesta Casa é a voz dos pobres, dos fracos, dos pequenos, dos excluídos a dizer à Cidade: “Basta de violência contra os moradores de rua! Basta de jatos d’água! Basta de cacetadas da Guarda Civil Metropolitana! Basta de perseguição aos moradores de rua!”.

O Padre João Pedro, os irmãos e os irmãos da Missão Belém são o testemunho da verdade e do sofrimento desse povo, que é tratado muitas vezes como lixo, que é evitado, excluído, tratado com violência e crueldade, sem direito sequer de sentar nas escadarias da Catedral da Sé. O Padre João Pedro enfrenta tudo isso com doçura, com mansidão, com bondade e compaixão, sem levantar a voz, mas dando sua vida, carregando no seu corpo o sofrimento do povo, o sofrimento dos pobres. Ele é reflexo do Senhor crucificado e ressuscitado, que carrega em seu corpo as marcas do amor.

Feliz a cidade de São Paulo, que o tem como filho. Feliz a cidade de São Paulo, que o tem como cidadão. Hoje São Paulo está mais feliz, porque o Padre João Pedro é cidadão paulistano. (Palmas) **MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos para o seu pronunciamento a irmã Cacilda Silva Leste.

**A SRA. CACILDA SILVA LESTE** - Boa noite a todos. É uma alegria participar deste momento, porque já são dez anos de caminhada pelos pobres com o Padre João Pedro. Isso nos uniu muito. O nosso coração bate com muita força, junto a todos os missionários e amigos, pelos pobres.

Aprendemos muito com o Padre João Pedro sobre o que Deus nos pede, como enxergar os pobres como o próprio Jesus. Semana passada fomos a um retiro em Jarinu, onde meditamos sobre o dom que Deus colocou em nossos corações para enfrentar o mundo e mostrar que os pobres são o próprio Jesus; a isso damos a nossa vida e nos dedicamos completamente. Essa semana foi muito especial, porque pudemos reviver esses dez anos refletindo sobre a força que Deus colocou em nós, que Ele nos dá a cada dia para estarmos na Nelson Cruz em missão, para estarmos nas casas de acolhida ajudando os nossos irmãos a encontrar Jesus. Hoje estão aqui alguns deles, como o Manoel, que viveu cinco anos debaixo do Viaduto do Chá, atualmente é missionário e nos ajuda a amar e a cuidar dos pobres que Deus nos envia dia após dia.

Agradeço muito a você por ter dito “sim” ao chamado de Deus, porque, como ser humano, você também sente as dificuldades e teve um momento forte ao encontrar os pobres. A primeira reação humana é fugir, é não querer, mas

você escutou Deus de maneira profunda e especial e, ao escutar Deus, encontrou o próprio Jesus, que se manifesta, que nos abraça, nos ama e nos estende a mão, ensinando-nos a amar. Deus, em especial para a Missão Belém, está nos pobres e Ele nos ama e abre os braços para nos acolher. Obrigado, então, pelo seu “sim” acima de tudo e pela paternidade, pela irmandade, pela formação e por nos levar a Deus por meio dos pobres. (Palmas)

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos, para seu pronunciamento, Dom Edmar Peron.

**O SR. EDMAR PERON** - Prezado Vereador João Antônio, caríssimo Padre Giampietro, por um motivo muito diferente estou em São Paulo, como todos que chegaram este ano à Cidade. Não faz nem quatro meses que cheguei a São Paulo exercendo minha função como Bispo. Minha felicidade é estar aqui representando Dom Odilo, que manda a todos uma saudação especial.

Acredito também que estou representando aqueles da região Belém que ao longo desses anos de missão o conheceram. Todos temos um apreço muito grande por você. Esses dias mesmo alguém me perguntou sobre você e eu respondi que havíamos conversado somente uma vez, mas acredito que o que acontece na comunidade é a coerência entre o que se fala e o que se vive. E acredito que você, então, tem responsabilidade nisso, por essa coerência cristã dentro da nossa igreja, dentro da nossa cidade. Todos os nossos irmãos e irmãs vieram aqui esta noite porque reconhecem a sua importância para nós, não só para as pessoas de quem você e todos os irmãos cuidam.

Um dos princípios do Evangelho é que, se a obra é de Deus, ela continua; caso contrário, morre. Você me dizia que ao longo desses cinco anos já são 80 comunidades em quatro países. Então, parece que é mesmo uma obra de Deus e, muito merecidamente, você é um cidadão do mundo, porque Deus é aquele que se faz presente pela ressurreição de Jesus, que acompanha cada um de nós. Alegro-me muito por estar aqui e desejo que essa obra prossiga.

Acredito que, na sua pessoa, cada membro da comunidade Missão Belém também está sendo homenageado, porque você não é uma pessoa sozinha nesta cidade e acredito que seu trabalho se espalhe.

Fico feliz de ter falado depois que todos os que o conhecem falaram, porque assim não tenho que me preocupar em ressaltar mais qualidades suas.

Irmãos e irmãs, que Padre Giampietro continue por muito tempo à frente da comunidade Missão Belém, que esta cresça e seja para todos nós, nascidos ou não nesta cidade, o exemplo do tanto que pode ser feito. Acredito também, Vereador, que conceder o Título de Cidadão Paulistano ao Padre Giampietro é reconhecer que os pobres estão pelas ruas. Se esta Casa dá o Título ao Padre Giampietro, aqui também é o lugar de pensar políticas sempre mais eficazes, não para acabar com o seu trabalho, mas para, juntamente com o Município, todos unidos, tornarmos a Cidade mais digna, mais humana e mais justa.

Que o Senhor acompanhe os que não temos a sua esperteza, que demoramos muito mais tempo para caminhar, para falar - grego ainda não sei traduzir -, mas cremos em sua causa e disposição, que são verdadeiras. Outra característica sua é ser pobre com os pobres, mas sem buscar com isso alguma vantagem ou glória para si. Padre Giampietro aceitou o que lhe deram e fez bem, porque é um reconhecimento.

Parabéns ao senhor. Parabéns Vereador. (Palmas)

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos para o seu pronunciamento o nobre Vereador João Antônio, Presidente e proponente desta sessão solene.

**O SR. PRESIDENTE (João Antônio - PT)** - Senhoras e senhores, amigas e amigos, primeiro gostaria de agradecer a todos e a todas pela presença. Padre Giampietro - João Pedro, como diz meu amigo Padre Júlio Lancellotti -, nosso homenageado; Dom Edmar Peron - já ouvi falar de seu trabalho sério e hoje tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente -, Bispo da Região Episcopal Belém, aqui representando nosso Cardeal Dom Odilo Scherer; Padre Tarcísio Marques, conhecido de longas caminhadas pastorais, Coordenador da Pastoral da Região Belém; Irmã Cacilda, Diretora Geral do Programa de Acolhimento da Missão Belém; Irmã Rosa Mirian, Presidente da Missão Belém; Irmã Maria Chiara Carraro, irmã de sangue do nosso querido homenageado; Padre Júlio Lancellotti, na pessoa de quem saúdo todos os padres presentes; e Sra Silvia, minha amiga que desenvolve um trabalho conosco; quero, de coração, agradecer a todos pela presença, nesta noite, na Câmara Municipal de São Paulo.

Para ser merecedor ou merecedora deste Título, necessariamente, o homenageado deve possuir um rol de serviços prestados à coletividade paulistana. O Título de Cidadão Paulistano é a mais importante honraria concedida por esta edilidade.

Particularmente, tenho sido rigoroso ao escolher alguém como cidadão paulistano. Não figuro, Padre João Pedro, entre aqueles que, numa espécie de banalização dessa honraria, fazem dela um instrumento eleitoreiro. Aliás, para mim, na política não vale tudo. Aprendi desde cedo, com a minha sólida formação cristã, na nossa gloriosa Igreja Católica, a fazer política como uma vocação para promover o bem comum.

E o que é bem comum? Encontrei, nos meus estudos sobre a função do Estado, diversos conceitos de bem comum, e o que mais me agradou, aquele que percebi como o mais preciso, foi o conceito formulado pelo Papa João XXIII. Segundo ele, o bem comum consiste no conjunto de todas as condições de vida social que consintam e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana. É tão bonita e singela essa definição, que não seria demais repeti-la!

A pessoa que escolhi para homenagear com o Título de Cidadão Paulistano apreendeu, na íntegra, em sua vivência na cidade de São Paulo, esse conceito



formulado pelo Papa João XXIII. Trata-se do nosso querido, e já tão elogiado por todos os que me antecederam, Padre Giampietro.

Padre Giampietro Carrarro nasceu em uma minúscula cidade perto de Veneza, no norte da Itália. De uma humilde família de agricultores, logo respirou um profundo clima da fé e desde pequeno sentiu a vocação missionária. Ingressou no seminário aos dez anos, ordenando-se padre aos 24 anos.

Em 1994, veio para o Brasil, onde teve um encontro chocante com a miséria das favelas, dos cortiços, dos moradores de rua. Ouçam o que disse o Padre Giampietro quando chegou e constatou essa realidade: “Era como se Deus me falasse de uma sarça ardente: ‘Eu estou aqui. Não tenhamos medo. Eles são o meu sacrário’”. Desde aquele momento, ele vive em uma pequena comunidade, em um barraco de madeira, numa favela no centro de São Paulo, tendo optado, como outros missionários, por dormir debaixo de pontes, nas calçadas, com o povo de rua. Falar da ação pastoral do Padre Giampietro é falar da defesa concreta da justiça social. É viver, na prática, o amor. É ir além dos discursos e conceitos genéricos que muitas vezes apenas se referem aos excluídos como meras estatísticas, ou, então, como rodapés de noticiários policiais.

Estamos diante de um homem simples, que não buscou glórias. Abdicou de uma vida confortável em um país do Primeiro Mundo para se dedicar exclusivamente àqueles que parte da sociedade preconceituosa tem como estorvo - nesta e em outras grandes metrópoles. No caso de São Paulo, Giampietro, vale destacar, com pesar, a abominável política higienista praticada pelos gestores públicos atuais, apenas para satisfazer as elites mais retrógradas da nossa cidade. Tratam o povo da rua com repressão policial - aliás, usam os policiais, que têm de obedecer hierarquicamente seus superiores, pois não é esse o desejo dos policiais sérios e honestos desta cidade -, expulsam-no de seus cantos com jatos d'água, como se fosse ninguém. A segregação social é fruto de posturas intransigentes e preconceituosas, da insensibilidade e, claro, do fosso que ainda separa ricos e pobres. Esses elementos, quando combinados, produzem efeitos devastadores em nossa sociedade. Foi justamente por se sentir chocado e também para denunciar as condições humilhantes e subumanas vividas pelo povo da rua e pelos moradores de favelas que Padre Giampietro abraçou essa causa.

Hoje, nós o abraçamos, Padre Giampietro. Acreditamos piamente que a frase “A paz é fruto da justiça” não é somente um lema a ser repetido; é seguramente o único modo de sermos reconhecidos verdadeiramente pelo que somos: seres humanos. Parabéns, Padre Giampietro. Sua determinação e firme convicção fizeram-no acreditar na construção de um mundo mais justo, solidário e fraterno, onde a dignidade, o respeito e a solidariedade são os pilares desta nova sociedade. Que venham milhões de Giampietros, pois assim, com certeza, construiremos um mundo muito melhor. O senhor, Padre

Giampietro, merece a honraria desta Casa Legislativa, talvez uma das Câmaras Municipais mais importantes da América Latina.

Um abraço a todos. Muito obrigado pela presença. Parabéns ao nosso homenageado. (Aplausos)

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Senhoras e senhores, passemos ao ato da entrega da honraria. Solicitamos ao nobre Vereador João Antônio e ao Padre Giampietro que se posicionem ao centro do plenário. (Pausa). Neste momento, o nobre Vereador João Antônio faz a entrega do Título de Cidadão Paulistano ao Padre Giampietro Carraro.

“Município de São Paulo, Título de Cidadão Paulistano. A Câmara Municipal de São Paulo, atendendo ao que dispõe o Decreto Legislativo 35, de 2 de setembro de 2009, concede ao Sr. Giampietro Carraro o Título de Cidadão Paulistano. Palácio Anchieta, 25 de junho de 2010. Antonio Carlos Rodrigues, Presidente; Chico Macena, 1º Secretário; João Antônio, Proponente; Raimundo Batista, Secretário Geral Administrativo; Breno Gandelman, Secretário Geral Parlamentar.”

- É feita a entrega do Título de Cidadão Paulistano ao Padre Giampietro Carraro, sob aplausos.

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Chamamos a Sra. Silvia Alves Carnevale, para homenagear, com flores, o Padre Giampietro. - É feita a entrega de flores, sob aplausos.

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Convidamos a irmã do homenageado, Sra. Maria Chiaro Carraro, para que se junte a eles, ao centro do plenário, para a foto oficial desta homenagem. (Pausa)

- Registro fotográfico.

**MESTRE DE CERIMÔNIAS** - Agradecemos a todos e solicitamos que retornem aos seus lugares. (Pausa)

Convidamos agora, para seu pronunciamento, o mais novo cidadão paulistano, Padre Giampietro Carraro. (Aplausos)

**O SR. GIAMPIETRO CARRARO** - Queridos, tenho a alegria de ser agora um cidadão paulistano. Sinto isso como um grande abraço de todos vocês, do Vereador João Antônio, do nosso Bispo Dom Edmar, dos padres, meus amigos, que estão aqui. Graças a eles consegui caminhar na Região Episcopal Belém, em São Paulo. Realmente a emoção é grande, pois não esperava tudo isso. Confesso que não conhecia como acontecia este evento.

Quando o Vereador João Antônio, tempos atrás, falou a respeito desta homenagem, eu disse que, se fosse um reconhecimento para toda a Missão Belém, eu a aceitaria. Eu nasci na roça, sou um pouco caipira. Não é que eu goste tanto desse tipo de homenagem, mas agradeço. Estou muito feliz.

Tudo começou com um abraço. No ano que eu comecei a ir às ruas de São Paulo, ao Vale do Anhangabaú, quando ainda nem conhecia muito a história da Cidade, via as pessoas na rua e o único modo de ajudar, para mim, foi

sorrir e abraçar. As pessoas que eu abraçava talvez estivessem um pouco drogadas, um pouco bêbadas e, por isso, talvez nem entendessem o que estava acontecendo. Mas era como se um ímã muito forte nos atraísse.

Fui chamado a realizar tudo isso por um dom que recebi de Deus. Por isso, não gostaria que pensassem que depende de mim ou da minha capacidade. Muitas vezes, quando passo por algum lugar onde não me conhecem, se tem um irmão de rua, ele para e vem me cumprimentar. Talvez ele me reconheça pelo meu jeito. Não é que eu vá necessariamente até ele, porque frequentemente ele vem até mim. Então sinto que tudo isso é uma vocação. Muitos de vocês conhecem esta linguagem que eu recebi de Deus como vocação.

Cheguei ao Brasil há 16 anos. Tanto tempo se passou que nem sou mais italiano, porque quase não lembro mais como é a Itália. Agora sou brasileiro e, graças a Deus, cidadão paulistano. Após minha chegada, levaram-me a Piraju, uma cidade de cuja existência nem suspeitava. Lá, um fazendeiro chamado Pipoca me acompanhou até um casebre. Nele, uma mulher cozinhava num fogão à lenha e tinha ao seu lado três crianças muito pobres. Embora eu não soubesse a língua, embora eu não soubesse nada, em meio àquela fumaça preta, sem entender nada, pediram-me para eu entrar em um quarto. Entrei. Naquele quarto havia três crianças. Elas tinham feridas na pele, úlceras que sangravam, e, rodeadas de muitas moscas, chupavam alguma coisa que eu não sabia definir o que era. Fiquei observando e descobri que elas chupavam um chifre de boi.

Tive, confesso, a tentação de sair correndo. Pensei: “Onde estou? O que está acontecendo comigo?” Eu não entendia. Naquele momento fiquei bloqueado e uma voz muito forte, dentro de mim, disse: “Eu estou aqui. E você, para onde vai? Eu estou aqui. E você, onde está?”. Entendi que era Jesus que falava comigo. Eu era padre. Pensava: “Como é? Jesus está aqui e eu vou para um outro canto?”. A coisa não ia bem. Eu me sentia paralisado, mas a voz veio com tal força, com um calor tão grande, que eu revolucionei. Até aquele momento eu tinha uma espécie de medo dessas crianças. De repente aquela sensação se dissipou, aí eu peguei as crianças no colo, sujei-me todo de sangue e brinquei do jeito que eu era capaz. Aquele foi o meu primeiro encontro com a pobreza. A partir desse momento eu soube que minha vida não tinha outro sentido e que não teria ficado bem em nenhum outro lugar.

Assim os anos se passaram. Quando cheguei a São Paulo, fui trabalhar na zona Sul, numa região “muito tranquila” - Jardim Ângela, Capão Redondo. Não sei por que fui parar lá, mas fui e assim conheci as gangues, o mundo das gangues. Comecei então a usar os instrumentos que a Igreja tem - e acho que a Igreja tem muitos.